



ADESÃO À HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS EM UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR

Maria Eduarda Schott, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguiana

Livia Temp Falcão, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguiana

Letice Dalla Lana, docente, Universidade Federal do Pampa

e-mail primeiro autor- mariaschott.aluno@unipampa.edu.br

A higienização de mãos é amplamente divulgada como um dos métodos bastante promissores na prevenção de infecções, principalmente quando se trata de ambientes hospitalares. Porém, em muitos dos casos, a adesão em relação a higienização de mãos ainda é baixa, o que acaba colocando em risco pacientes e profissionais cotidianamente. A realização de atividades práticas em ambiente hospitalar, bem como aprofundamento teórico sobre boas práticas em serviços de saúde, oportunizou reflexões sobre o comportamento dos profissionais em seu processo de trabalho no que se refere à higienização das mãos. Deste modo, este estudo justifica-se pela necessidade de mensurar a adesão dos profissionais de saúde durante seu processo de trabalho, tomando como base os benefícios da implementação da higienização das mãos em serviços de saúde. O estudo tem como objetivo identificar a adesão dos profissionais de saúde de uma unidade de internação para a higienização de mãos. Estudo de cunho transversal com observação não participante, realizado por discentes e uma docente do Curso de Enfermagem de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul. A observação não participante ocorreu nos meses de Agosto e Setembro de 2021, nos turnos manhã e tarde, em um Hospital Municipal do Município. Optou-se pelo método observação não participante com o intuito de não influenciar os profissionais na sua conduta, e alteração dos resultados. Utilizou-se um instrumento no Google Forms com as variáveis categoria profissional, oportunidade, indicação e ação, no qual era preenchido conforme desenvolvimento das práticas de trabalho dos profissionais. O preenchimento do instrumento se deu a cada momento de intervenção com previsão de higienização das mãos. A análise dos dados foi do tipo estatística simples, apresentada em percentual. A presente pesquisa é uma das etapas do projeto de Extensão intitulado “Implementação e avaliação de práticas de adesão à higienização das mãos relacionadas com a assistência hospitalar”, registro 10.108.20. Foram observados 48 momentos de intervenção com previsão de higienização das mãos, sendo que 25 (52,08%) da categoria profissional técnico de enfermagem, 8 (16,67%) enfermeiros, 6 (12,50%) discentes de enfermagem, 4 (8,33%) discentes de medicina, 3 (6,25%) fisioterapeutas e 2 (4,17%) médicos. As oportunidades acompanhadas pelos pesquisadores foram: 16 (33,3%) administração de medicamentos; 4 (8,35%) preparação de medicamentos; 6 (12,5%) verificação de sinais vitais; 17 (35,4%) contato com paciente; 2 (4,2%) antes do contato com paciente; 3 (6,25%) após contato com fluidos corporais. As indicações visualizadas pelos pesquisadores incluíram: 24 (50%) após contato com paciente; 14 (29,16%) antissepsia antes do contato do paciente, 4 (8,34%) após contato com o ambiente do paciente; 3 (6,25%) antissepsia antes do procedimento asséptico; 3 (6,25%) após exposição a fluidos corporais. Para as ações foram acompanhadas os seguintes momentos: 38 (79,16%) não higienizou as mãos; 10 (20,84%) higienização com água e sabão e 0 (0%) higienização com álcool 70%. Destaca-se que todas as situações acompanhadas foram em unidades de internação clínica-cirúrgica. Acredita-se que a ausência de higienização das mãos com álcool 70% pode estar atrelada com o posicionamento dos dispensers alocados na unidade de internação. Acredita-se que a localização e o número de pias e dispensers ainda não possibilitam a adesão à higienização com frequência em todas as oportunidades, principalmente entre um paciente e outro. O baixo percentual de adesão está intimamente ligado à segurança não apenas do paciente, como também a do profissional. Isso porque, a cada momento em que um profissional deixa de higienizar as mãos durante suas

atividades, a probabilidade de complicações hospitalares se amplifica, uma vez que nossas mãos tocam superfícies, pessoas e objetos que podem estar infectados, que ao tocar principalmente em um paciente, a propensão para desencadear alguma patologia aumenta. Sendo assim, a adesão precária acaba por refletir na qualidade da assistência oferecida aos pacientes, aumentando assim de forma acentuada os riscos para infecções. Sugere-se mudança comportamental dos profissionais da saúde por meio de atividades de educação em serviço e estratégias de intensificação da prática em diferentes momentos. Também sugere-se uma avaliação das condições de insumos, materiais e equipamentos disponibilizados na unidade clínica cirúrgica para promover melhores condições de trabalho à equipe no que se refere à higienização das mãos. Este estudo identificou que a adesão dos profissionais de saúde de uma unidade de internação para a higienização de mãos ainda não é realizada em todas as oportunidades, indicação e ação conforme preconiza o Ministério da Saúde. A limitação do estudo está associada com a desarticulação com o serviço de controle de infecção hospitalar e educação em saúde, que não asseguram a repercussão da não adesão à higienização das mãos. Entretanto, essa limitação potencializa os resultados em virtude do método de pesquisa.

Agradecimentos: Programa de Desenvolvimento Acadêmico (PDA), UNIPAMPA

Palavras-chave: Desinfecção das Mãos; Engajamento no Trabalho; Unidades de Internação; Gestão da Segurança